

Governo amplia ação contra seca

Fernando Henrique anuncia a criação de "frentes produtivas" para levar emprego aos flagelados no Nordeste

Presidente compara invasores de bancos a assaltantes e condena Estados pela morosidade no combate aos saques

O presidente Fernando Henrique Cardoso anunciou ontem em sua primeira entrevista coletiva do ano que a próxima etapa de ações do Governo para combater a seca no Nordeste será a geração de empregos. Na reunião que aconteceu na terça-feira passada com os ministros envolvidos diretamente no combate à seca, o Presidente determinou a transferência direta de R\$ 450 milhões, do Banco do Nordeste, para financiar, a partir de segunda-feira, diretamente os micro e pequenos produtores das zonas atingidas pela seca. O empréstimo tem dois anos de carência e juros de 3% para plantação e de 6% para investimentos.

As frentes produtivas, anunciadas pelo Presidente, vão capacitar a mão-de-obra e alfabetizar a população atingida pela seca. "Hoje há uma consciência muito clara no País e no Governo de que é preciso qualificar melhor a população em geral e essa em particular", disse. Segundo ele, o Governo tem condições de atender até um milhão de pessoas, o que equivale a quase a população desempregada das principais regiões metropolitanas. "Há condição também de que os governos estaduais coloquem uma pequena parte de recurso para que nós tenhamos uma verdadeira parceria", disse. Os governadores e prefeitos também devem se organizar para que tenham um aproveitamento mais "construtivo" dos recursos.

O Presidente garantiu que os nordestinos atingidos pela seca terão a solidariedade do seu Go-

verno. "Não vai morrer ninguém de fome aqui". As frentes produtivas, segundo ele, não vão substituir a distribuição das cestas básicas que já beneficiam a população de 1.236 municípios, onde foram instalados os Conselhos Comunitários que atuam como fiscalizadores das ações do Governo. A intenção do Governo é diminuir a distribuição de cestas assim que avançar no programa de frentes de trabalho para aumentar a renda dos flagelados pela seca. "O nordestino quer respeito. Ele aceita comida porque precisa, mas o que ele quer é trabalho. Por isso, conclui que a medida que houver trabalho haverá diminuição da demanda por alimentos".

Saques

O Exército, disse Fernando Henrique, não vai atuar na distribuição de cestas básicas e nem reprimir os saques nos Estados. A ação militar só será utilizada a pedido dos governadores dos Estados, caso contrário, "é intervenção militar". "O Exército não é polícia", disse, garantindo que esta responsabilidade é das polícias estaduais. Porém, o Governo tem uma posição rígida contra os saques, com envolvimento de lideranças do Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST). "O presidente da República não aceita, porque cons-

titucionalmente não deve aceitar, que pessoalmente não aceita, a baderna. Há elementos de baderna, desordem, de gente que quer fazer desordem. Isto é contra a democracia. É contra a lei", disse.

Fernando Henrique disse que não pretende atuar de forma anti-democrática, e "mandar prender" ou "mandar o Exército". "Nós lutamos muito para ter um regime democrático". Para ele, há uma intenção de dirijar uma "demanda legítima" que não é do "infeliz que está com fome", mas dos que estão utilizando a fome, uma nova indústria com fins eleitorais. Fernando Henrique disse ainda que recebeu um telefonema do governador de Paraná, Jaime Lerner (PFL) para contar que havia

seis bancos ocupados pelo MST. "Quando o MST entrou nos bancos - se é que é MST - ele é igualzinho a alguém que entrou no banco como assaltante. Pode usar o pretexto que quiser, mas a forma de atuar está errada e tem que tirar de lá. Quem tira de lá? O Exército? Não, é a polícia".

Esta ação das polícias, segundo ele, não pode ter "um cadáver". "Eu tenho horror disso. Nós não queremos cadáver". A Polícia Federal fez um documento que aponta morosidade nas ações das polícias estaduais na repressão aos saques. Fernando Henrique disse que dos 72 assaltos de vários tipos nas regiões de seca, apenas 20% dos responsáveis foram processados na Justiça. Depois de responder à bateria de perguntas políticas e econômicas, o Presidente finalizou a entrevista comentando novamente a seca no Nordeste.

"Eu sei que no desespero a solidariedade é só um grito. Mas temos que transformar este grito para que não fique parado no ar". (M.G.)

Novo pacote é descartado

Durante a entrevista coletiva de ontem, o presidente Fernando Henrique Cardoso garantiu que não haverá um novo pacote econômico e que nada mudará nada na economia em um possível seu segundo mandato. "Não vai haver novo pacote. Novo nada. É desnecessário e está fora de cogitação". Porém, Fernando Henrique admitiu que o Governo não está "inerte", argumentando que determinar novas medidas faz parte do cotidiano da equipe econômica. Um dos pontos principais para combater o déficit público, segundo o Presidente, é continuar com as reformas, mesmo que sejam "impopulares".

Esta não é a sua preocupação. "Eu não vou perguntar a um marketeiro se devo dizer isso ou aquilo. Eu procuro dizer aquilo que eu sinto como verdade", disse. A economia, segundo ele, é agora tema comum de conversas e o Brasil sempre é colocado como "bola da vez porque o déficit cresceu". "O déficit não está descontrolado", disse. O Presidente afirmou, citando o caso da Previdência, que o aumento do déficit atrapalha o Brasil, mas afirmou que o Governo vai continuar atuando para controlá-lo, independente do ano eleitoral.

As medidas impopulares que adotou em outubro do ano passado para conter os efeitos da crise mundial das bolsas de valores, segundo o Presidente, foram necessárias para evitar que hoje o País estivesse atravessando as mesmas dificuldades financeiras vividas pela Indonésia. E sempre que achar necessário, adotará as medidas que a equipe econômica julgar melhor para o País. "Mas a linha econômica é essa. Não haverá mudança de coisa nenhuma", garantiu. (M.G.)



Humberto Pradera